

MARCELO COSME

TALVEZ VOCÊ SEJA...

DESCONSTRUINDO
A LGBTFOBIA QUE
≡ VOCÊ ≡ NEM SABE
QUE TEM



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

MARCELO COSME

TALVEZ VOCE SEJA...

DESCONSTRUINDO
A LGBTFOBIA QUE
= VOCÊ = NEM SABE
QUE TEM



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marcelo Cosme, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

Preparação: Amanda Moura
Revisão: Carla Sacrato e Fernanda Guerriero Antunes
Diagramação: Dmitry Uziel
Capa: Giulia Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cosme, Marcelo
Talvez você seja: desconstruindo a LGBTfobia
que você nem sabe que tem / Marcelo Cosme. – São Paulo:
Planeta, 2021.
208 p.

ISBN 978-65-5535-550-5

1. Homofobia 2. Homossexualidade 3. Cosme, Marcelo -
Narrativas pessoais I. Título

21-4614

CDD 306.766

Índice para catálogo sistemático:
1. Autoajuda



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
INTRODUÇÃO	12
NÃO É DOENÇA	24
PRECONCEITO	40
FAMÍLIA	62
TRABALHO	84
SEXUALIDADE	102
É CRIME SER HOMOSSEXUAL?	114
REPRESENTATIVIDADE NO PODER	138
QUEM ABRIU A PORTA?	160
A PRIMEIRA VEZ QUE OUVI UM TRANS	174
CONCLUSÃO	188
PARA SABER	195



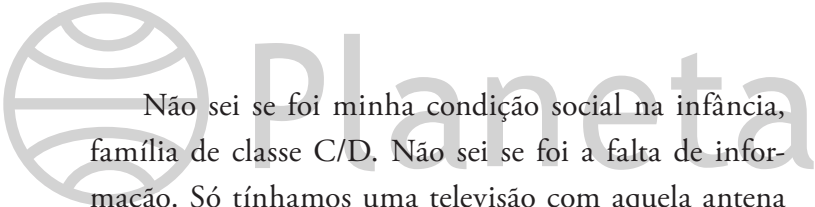
Planeta



CAPÍTULO 1

NÃO É DOENÇA

Planeta



Não sei se foi minha condição social na infância, família de classe C/D. Não sei se foi a falta de informação. Só tínhamos uma televisão com aquela antena externa que em dias de chuva saía do ar. Não sei se foi a falta de estudo dos meus pais, que tiveram que trocar a escola pelo trabalho ainda na infância. Não sei se foi o instinto protetor da minha mãe. De alguma forma, ter crescido em uma família com essas características me preservou. Preservar é diferente de ajudar. Desde muito novo eu sentia atração por homens. Isso era claro. Mas o padrão de todo menino ser exatamente menino e de toda menina ser exatamente menina, no ambiente em que fui criado, nunca levou meus pais a me forçarem a nada. Claro, a criança dá sinais, eu com certeza dei

muitos sobre minha sexualidade. Neste não notar ou não admitir dos meus pais, hoje vejo que fui preservado. Nunca fui visto como diferente, doente. Lembro-me de uma infância como a de qualquer outra criança criada no interior do Rio Grande do Sul.

Minha primeira lembrança de ter sido repreendido pelo meu pai foi algo que aconteceu na década de 1980. Morando em um conjunto habitacional, a brincadeira acontecia no meio da rua asfaltada. Só era interrompida por algum carro, mas logo retomada. Eu devia ter uns 6, 7 anos. Pelo menos uma vez por ano era feita a eleição da “garota da quadra”. Uma noite qualquer, todos se reuniam na rua. Sentavam-se ao meio-fio para ver as meninas desfilarem. Menino levava refrigerante ou suco de pacotinho; já as meninas levavam pipoca ou bolo. Olha o machismo aí: menina vai para a cozinha, menino não.

Todo evento precisa de ensaio. E foi aí que meu pai me “pegou”. Ele trabalhava o dia todo como operário em uma indústria de fertilizantes. Um dia, chegou em casa à noite e viu pela janela que eu estava no meio da rua, coordenando o ensaio das meninas para o desfile. Dizendo qual caminho deveriam fazer, em que ponto paravam, quando olhavam para a plateia, qual a ordem de entrada na “passarela asfaltada”. Imediatamente, gritou: “Marcelo passa pra dentro!”.

Furioso, me colocou de castigo. Disse que aquilo não era coisa de homem e que eu estava parecendo uma menina

no meio da rua. Minha mãe, claro, foi a culpada, acusada de não ver, não impedir, não corrigir. “Passo o dia trabalhando e, quando chego em casa cansado, tu tá no meio da rua parecendo um viado”, disse ele, mais ou menos com essas palavras.

Claro, fiquei assustado, espantado e fui para o quarto chorar. Mas eu era só uma criança, não me importei com o que os vizinhos pensaram ou se alguém notou. Só fiquei chateado porque, naquele ano, não estava lá no meio da brincadeira. Tive que assistir à escolha da “garota da quadra” pela janela do quarto.

Ao longo da infância, adolescência e depois de adulto, eu sinceramente nunca me perguntei se sentir atração por outros homens era uma doença. Jamais passou pela minha cabeça. Nunca associei minha sexualidade a uma doença. Não tenho nenhuma lembrança nesse sentido, nem mesmo nos momentos de maior introspecção.

Mas nem sempre é assim. Há crianças e adolescentes LGBTQIA+ que são diagnosticados pelos próprios pais como doentes, desvirtuados, problemáticos. E sabemos aonde isso muito vezes vai parar: no médico. É comum jogar essa responsabilidade para os profissionais da saúde, como se fosse uma doença. Mas os médicos não tratam homossexualidade. Ninguém trata. Nem médico, nem psicólogo, nem psiquiatra. Muito menos padre, pastor, pai ou mãe de santo.

Definitivamente aprenda e repita comigo: homossexualidade não é doença. Não existe cura gay.

DEZ ANOS

Vou te contar a história do Winicius Pires. Menino da roça do interior de Goiás que, aos 17 anos, sentindo os primeiros desejos por outros homens, se culpando por pertencer a uma religião que condena e expulsa os homossexuais, recorreu à prima. Pediu que perguntasse à psicóloga dela se o aceitaria como paciente para deixar de ter atração por outros homens. Começava aí um longo caminho de dez anos!

“Lógico que a gente tinha consciência de que ela não poderia oferecer esse serviço. Tinha consciência, mas eu pedi para que me ajudasse e ela topou. Veio com algumas teorias que a gente já conhece. Como a da mãe que às vezes deseja uma menina e nasce um menino. E por isso a tendência em ser gay.”

Os encontros semanais, ao longo de um ano, não surtiram efeito. Winicius então se mudou para São Paulo, onde ficou por quase dois anos. Estudando em uma escola religiosa, continuou pressionado, tentando reprimir os desejos e comportamentos homossexuais.

Voltou para Goiás. Abandonou a religião. Conheceu um rapaz e casou-se até no cartório. Teve festa na pizzaria da cidade para cinquenta convidados. Dois anos depois, quis novamente tentar. Acabou o casamento, voltou para a religião e encontrou na internet apoio em um grupo chamado “Libertos por Deus”. Formado por “ex-homossexuais” ou pessoas que queriam deixar de ser. Como se fosse possível.

“Lá eles diziam que a gente tinha que mudar e ter relações com mulheres. Independentemente da crença e das regras da religião.”

Não se convenceu. Insatisfeito, trocou esse grupo por outro, formado e mantido via WhatsApp, e que o levou até projetos que condenam o comportamento homossexual, pregam o seu fim.

“Lá não falavam que eu iria me tornar heterossexual. Não era bem a ideia da cura gay. Tu não vai tomar uma pílula e vai deixar de ser gay. A questão era você deixar de ter o comportamento do homossexual por acreditar que isso não agrada a Deus.”

Nessa época, Winicius chegou a dar um testemunho para uma plateia dizendo que havia se tornado um ex-gay.

“Eu fui levado com os olhos vendados. Conteí minha história dizendo que tinha abandonado a vida gay. Mostrei duas imagens, uma delas do dia em que me casei com outro homem, e questioneí aquelas pessoas: o que elas estavam fazendo para salvar a vida delas, como eu fiz?”

De lá, foi para outro grupo também com a mesma promessa.

“Nesse, eles trabalhavam a questão emocional, os traumas. O que a gente viveu? A ausência do pai, por exemplo. Analisavam toda a história de vida e olhavam onde você perdeu o caminho da masculinidade, qual foi a causa.”

Aos 25 anos, Winicius chegou ao limite.

“Me vi num estado depressivo, como a maioria dos meninos do grupo. Pensava: se for para tirar minha vida, eu vou para o inferno de todo o jeito. Então vou atrás de outra solução.”

A essa altura, ele tinha até uma namorada.

“Eu vivia uma vida dupla, morava no interior, numa fazenda. Quando vinha para a cidade, eu vivia a minha vida. Como eu queria ser, livre. E, na roça, eu era o rapaz da igreja, com namorada.”

Só aos 27 anos abandonou a busca pelo impossível. Decidiu morar sozinho, conheceu outro rapaz e foram morar juntos.

“Por conhecer minha família, na época, eu não quis contar, deixei que os outros contassem. Não neguei. Quando me perguntavam, eu falava que era verdade. Hoje, todos sabem que sou casado com outro homem e aceitam. Até minha avó que ia rezar na minha porta pra eu deixar de ser gay.”

Perguntei ao Winicius: “O que ficou em você desses dez anos?”.

“Se eu pudesse não ter vivido isso, eu não viveria. Até porque, quando eu olho para trás, me dá muita tristeza. Sensação de dor. Era muito sofrimento que poderia ter sido evitado. E tudo por falta de informação. Mas hoje posso dizer que estou completo porque posso viver minha sexualidade e minha religião.”

Observe as palavras do Winicius: sofrimento, tristeza, dor, falta de informação. Imagine você o que é passar dez anos imerso nesses sentimentos. Ele não encontrou a “cura”, até porque ela não existe.

“A HOMOSSEXUALIDADE É IMUTÁVEL”

Mas homossexualidade já foi considerada uma “doença”, e num passado não muito distante. É importante deixar isso claro neste livro. Precisamos parar de repetir essa barbaridade que até hoje leva muita gente ao sofrimento.

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA, na sigla em inglês) tirou a homossexualidade da lista de doenças. A Organização Mundial da Saúde (OMS) fez isso em 1990. No Brasil, só em 1999 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) proibiu a oferta da “cura gay”.

O doutor Drauzio Varella, o médico dos brasileiros, que há décadas estuda a saúde de gays, lésbicas, bis e transexuais, cuidando deles no Sistema Público de Saúde, o SUS, me contou qual era uma das primeiras perguntas que fazia a pacientes LGBTQIA+.

“No começo da aids, quando comecei a tratar muita gente naquela fase, e a grande maioria era gay, eu fazia uma pergunta: ‘A primeira vez que você se masturbou foi pensando num homem ou numa mulher?’ Essa é uma pergunta íntima que não se costuma fazer. É impressionante: a imensa maioria se masturbou pensando num homem, enquanto o menino heterossexual pensa em uma mulher. Esse é um momento da maior intimidade de você diante de você mesmo e diante de seus desejos.”

Concordo com ele, acessando minha memória mais antiga. Fiz essa mesma pergunta para amigos e amigas íntimos. E as respostas que tive foram quase todas no mesmo sentido. Héteros responderam pelo sexo oposto e gays pelo mesmo sexo. Uma pessoa me disse: “Quando era mais novo, alugava filmes de sexo heterossexuais. Mas sempre minha atenção estava voltada para o homem. Eu ainda não me entendia como gay. Isso ainda não passava pela minha cabeça, mas hoje vejo que faz todo o sentido, meu olhar já na época era voltado para o masculino”.

Esse exercício de acessar os nossos primeiros instintos e fantasias sexuais, seja lá você homo, hétero, bi, trans... mostra que o desejo é natural, automático. É muito pouco provável que você, lá escondido dos seus pais, trancado no seu quarto, pensasse: *Hoje eu vou desejar um homem para ver como me sinto. Amanhã, uma mulher.*

Pois bem, voltando à “não doença”. Se houvesse algum tratamento, técnica, medicamento milagroso, milhares de médicos e cientistas há décadas teriam descoberto. Em uma das obras da psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, *A cama na varanda*, ela cita uma entrevista publicada no *Jornal do Brasil*, com o jornalista americano especializado em ciência Chandler Burr, autor de um livro que diz que a homossexualidade é determinada biologicamente desde a fecundação.

“Qual é a conclusão do seu livro?”, perguntou o jornalista Renato Aizenman. “A principal conclusão”, respondeu Chandler Burr, “é de que a orientação sexual humana, tanto no caso da homossexualidade como da heterossexualidade, é determinada geneticamente antes mesmo do nascimento. Trata-se de uma determinação exclusivamente biológica e não há fator social que possa criar ou mudar. A homossexualidade é imutável.”

O que os estudos sempre mostraram é que não há como fazer com que todo homem tenha desejo por uma mulher. E toda mulher tenha desejo por um homem.

“Desejo não se controla”, afirma doutor Drauzio Varella. “Você pode controlar o comportamento. Aqui eu olho para a pessoa, mas ela é mãe de um amigo meu, então eu não vou me comportar mal, não vou adotar uma conduta que vá criar um problema. Mas o desejo é incontrolável. Usei uma imagem uma vez em um artigo que escrevi: o desejo é água correndo pela cachoeira, você não consegue conter o desejo. Ele acontece por uma razão e nós não temos controle sobre ele.”

Existem centenas de artigos, estudos, revisões de estudos que mostram que nunca nenhuma “terapia repartida, terapia reversiva, reorientação sexual” teve efeito. Nunca se comprovou nada, apenas que isso não funciona. Li um texto de uma das revistas científicas mais importantes, *Nature*, que fazia uma revisão do que existe de biologia publicada a respeito da homossexualidade. O artigo não tem nenhuma palavra sobre comportamento, só sobre biologia, o que acontece desde a fecundação do óvulo, como acontece a diferenciação, porque todos nós nascemos hermafroditas, a diferenciação para testículo e ovário que acontece somente por volta da oitava semana, e a partir daí o testículo produz mais testosterona, embora produza progesterona e estrogênio também, e o ovário produz mais estrogênio do que progesterona, mas também produz testosterona.

Há ainda a influência desses hormônios todos combinados com o que acontece durante a gravidez. Isso

tudo é de uma complexidade incrível. Existe uma linha tão tênue entre a separação do sexo masculino e do feminino que o artigo termina questionando: “Depois de toda essa discussão, que critério nós devemos usar para definir a sexualidade?”.

E aí você pode pensar que esse papo de “cura gay” é da década de 1990, que isso é passado e que hoje em dia ninguém mais cai nessa. Engano seu. Anteriormente já te contei a história do Winicius, agora vou te contar a do Jean Ícaro. Durante dois anos, Jean Ícaro escreveu sua tese de mestrado, cujo estudo virou um livro, com o título *Cura gay*. Ele explica o porquê:

“O título do livro já é uma forma de se posicionar. Quem diz cura gay acha que se trata de uma doença. Vocês querem tratar a pessoa como se ela tivesse algum transtorno? Na verdade, não tem. Cura gay é um termo bem pejorativo”. Jean, gay, foi vítima de um desses supostos tratamentos. “Eu sou um homem gay e, durante a adolescência, fui submetido a uma terapia de conversão. E isso me inspirou a buscar informações. Porque muitas outras pessoas LGBTQIA+ contavam: cheguei à terapia, conversei e busquei apoio e, quando vi, estava passando por alguma coisa para ser convertido.”

Para a pesquisa, Jean entrou em contato com os conselhos regionais de psicologia e chegou a 692 psicólogos, todos com registros ativos, que oferecem a “terapia reparativa”.

Que fique bem claro: desrespeitando a resolução do CFP de 1999. Portanto, esse tipo de oferta é proibida no Brasil. Mesmo assim, há profissionais no mercado oferecendo o serviço. Não há anúncios diretos em letras garrafais: “Atenção, atenção! Aqui temos a cura gay!”. A oferta vem quase sempre disfarçada e embutida em outras questões.

Por inúmeros motivos, dentre eles a sociedade preconceituosa, as pesquisas mostram que pessoas LGBTQIA+ tendem a ter mais problemas de autoestima, depressão e transtorno de ansiedade. É disso que alguns psicólogos se valem para começar a tentativa de “cura”. Jean constatou que um em cada três psicoterapeutas, quando é o desejo do paciente, se propõe a fazer terapia de reorientação sexual. E quando esse não é um pedido do paciente, mesmo assim, um em cada nove psicoterapeutas está disposto a isso. Um dos caminhos é a técnica da interpretação.

“Eles sempre dizem que, pelo fato de a pessoa ter um estilo de vida LGBTQIA+, provavelmente está manifestando um sintoma psicológico. Assim eles encontram um jeito de acabar motivando a pessoa ao suposto tratamento”, explica Jean. E essa é a forma leve, sutil. Há psicoterapeutas que vão muito além. Dizem para o paciente se masturbar desejando o sexo oposto, ter comportamentos heterossexuais. Apagar qualquer lembrança associada à homossexualidade.

“As técnicas mais absurdas para mim são: treinamento de habilidades heterossexuais, que é quando se ensina a pessoa a desenvolver habilidades, comportamentos, jeitos que sejam associados ao estereótipo do que é ser homem e o que é ser mulher. Um homem é ensinado a ter um tom de voz mais grave, a gesticular pouco. Estimulam até que se tenha relações sexuais com garotas de programa. Outra [técnica] se chama recondicionamento masturbatório. É quando você propõe, por exemplo, para uma mulher lésbica, tentar se masturbar assistindo a um filme pornô heterossexual. Tente estimular ao máximo esse lado. E tem ainda aquele que leva a pessoa a abandonar esse estilo de vida. Até com momentos simbólicos, como cortar uma foto antiga sua e botar fora todas as coisas da sua vida LGBTQIA+ para que haja um divisor de águas.”

Jean ouviu esses relatos de pacientes e de psicanalistas, entre os anos 2017 e 2018. Foi inclusive em 2018 que o juiz federal Waldemar Claudio de Carvalho, da 14ª Vara Federal no Distrito Federal, autorizou psicólogos a tratarem pessoas LGBTQIA+ como doentes, em terapias de reversão sexual, contrariando o entendimento do CFP.

Em 2018, na reclamação que o CFP apresentou ao Supremo Tribunal Federal (STF) sobre essa ação, o conselho lembra a resolução de 1999 em que diz: “não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de terapia de reversão sexual, uma vez que a

homossexualidade não é considerada patologia, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)”.

E deixa claro: “Em um país que desponta na quantidade de pessoas assassinadas por orientação sexual, não cabe à Psicologia brasileira a produção de mais violência, mais exclusão e mais sofrimento a essa população estigmatizada ao extremo. A Psicologia brasileira não será instrumento de promoção do sofrimento, do preconceito, da intolerância e da exclusão”.

Em abril de 2019, a ministra Cármen Lúcia, do STF, determinou em liminar a proibição da terapia de reversão sexual no Brasil.



Planeta